

Esquerda de roupa nova

A campanha presidencial apresenta uma rica variação temática, deixando entrever que muita novidade ainda será produzida durante a sequência de ação dos candidatos. O sr. Mário Covas, por exemplo, fez mais pela iniciativa privada do que todos os candidatos de centro e direita, até aqui, ao proferir seu discurso no Senado em que aludiu à crise maior do País, seu afastamento dos fenômenos da modernidade, dado o sectarismo econômico, gerador de cartórios, reservas de mercado e ilhas de proteção diversas. O discurso do senador do PSDB se aproxima, em qualidade, ao de outro candidato que demonstra conviver com espírito propício à abertura democrática e às reformas de mentalidade, que é o deputado Roberto Freire, candidato do PCB.

Por ironia do destino, ambos, Covas e Freire, possuem discurso reformista mais avançado para a consolidação do capitalismo brasileiro do que a totalidade dos candidatos, à exceção, talvez, do deputado Guilherme Afif, que se dedica a examinar os males causados pelo gigantismo do Estado, e a queda dos incentivos — cujas formas já chegam a cerca de 152 — e dos subsídios, mas deve ainda um argumento claro na questão da queda dos cartórios.

Amanhã, será a vez do ex-ministro Aureliano Chaves, na Convenção do PFL, explicar as bases de seu discurso de candidato, podendo aproveitar para desmentir de vez

que é estatizante ou intervencionista quanto ao papel do Estado. O que o sr. Aureliano Chaves tem sido, na verdade, é extremamente severo ante os riscos de que a desestatização apressada incida numa desnacionalização consentida. Procedimentos de privatização de estatais mal elaborados poderão desatrelar convicções menos privatistas e mais negociais. Dado o caráter paternalista do Estado, esses processos de desestatização poderiam se tornar negócios de cessões a apaniguados, em vez de transferências reais de responsabilidade gerencial envolvendo riscos de solvência. Por isso é que o ex-ministro das Minas e Energia defende que as empresas privatizáveis devam ser antes saneadas, e que o processo de aprovação passe pelo Congresso.

Os demais candidatos, como o deputado Ulysses Guimarães, apresentam mandamentos, mas não ensinamentos de como se chegar a esse sonhado capitalismo popular brasileiro. Nem ele nem o sr. Leonel Brizola revelam discursos modernos quanto à questão crucial que poderá afastar o País dos benefícios da modernidade, que será a tônica da próxima década. O sr. Luiz Inácio Lula da Silva possui discurso um pouco mais arrojado, mas parece estar contido pelos que consideram a esquerda um condomínio do isolamento, todo empresário um tubarão, todo banco uma casa de exploração, toda greve um porre democrático a se beber todo dia.